

Dentro do estômago do mundo  
Dentro do vazio, para ser mais exato  
Venâncio Calisto



*Quando se tem fome imagina-se muito*

Pensar, escrever, dizer a fome, que se seculariza, passando a palavra de uma iniciação trágica de um bisavô às crianças, de forma violenta, de diferentes modos, é a proposta experimental da peça de teatro *"Dentro do estômago do mundo. Dentro do vazio, para ser mais exato."*, título escolhido por Venâncio Calisto para este livro, que é organizado em onze momentos e seguido por um texto final “Ainda Dentro do Vazio”.

O dramaturgo/actor interpela em contação lúdica e narrativa os sentidos da fome — ”E nós somos tantas fomes”— experimentando-se o discurso através de diversas formas, a adivinha, o provérbio, o monólogo, a fala oral, a interpelação, a fábula, o sonho, a dança, a canção, para fazer o questionamento desta violência, que preenche o quotidiano de muitas crianças e adultos moçambicanos, e se

alarga também para além destas fronteiras, como sinal das desigualdades fraturantes do mundo, encenando aqueles que não têm acesso nem à voz, nem à educação, nem ao alimento do estômago e da alma. Lembramos aqui inevitavelmente obras como a do pernambucano Josué de Castro, *Geografia da Fome*, ou a *Pedagogia do Oprimido* de Paulo Freire, que perpassam indelevelmente alguns dos enunciados desta proposta de Venâncio Calisto.

A peça organiza-se em doze trechos, com os seguintes títulos: 1. O peixe morre pela boca; 2. Homem lobo de outro homem. Ou Eles comem tudo; 3. Sonhar com comida é sinal de sacrilégio; 4. Os adultos comem para morrer. As crianças comem para crescer; 5. Canção da fome ou dança da fartura; 6. Reis e escravos. Quem são eles?; 9. Os putos da minha zona ou a história triste que não é do João Gala-Gala; 10. Formiga, eu?; 11. Quando se tem fome imagina-se muito. Muito muito à noite; 12. Cena final ou o eterno ciclo da fome.

A imoralidade trágica da denúncia da fome é na escrita de Venâncio subvertida, de forma simultaneamente irônica, por vezes lúdica, por vezes dramática, em que fragmentos do fabulário se misturam em canção, diálogos, dança e contação: “A boca. Portal e túnel. A boca. Buraco e imensidão. A boca. Covil dos

leões.”; “Brow, quando não há food na wood/ tudo morre/ quando as panelas estão vazias e o fogão apagado/ tudo murcha na wood”.

Neste discurso de Venâncio Calisto se retoma um tópico desenvolvido na época colonial pela escrita do poeta José Craveirinha, como se lê, apenas para dar um exemplo, num poema do livro *Karingana wa Karingana* (Era uma vez) “Tchaim estes versos tchaim” quando se refere à “ideologia pornográfica /de um pão despido na luxúria dos dentes”, e nos versos que dizem “tchaim nas panelas as insolentes/ românticas duas colheradas e meia de farinha”.

A escrita de Venâncio Calisto usa as diferentes modalidades do texto oral, a poesia, formas de narrativa, do provérbio à fábula, tentando transmutar a fome física, a fome do sonho, a fome de ser, em transmutação alquímica, capaz de transformar “Pão em fanfarras de ouro”, fome em canto. Um ato de imaginação que se picturaliza, como num quadro de Malangatana, multiplicando as famintas bocas, os olhos, os corpos, em dramático espetáculo :

*Não é a escuridão que nos cega. Cega-nos o sol que a nós nunca chega. Cega-nos a fome dos vossos bolsos. Não há sol para nós. Chegam-nos as sombras da periferia. Do esquecimento. Chega. O dia chega?*

*Não. Cega. O pesadelo que chega e se apodera da aurora. Não há amanhã aqui. Seremos sempre os que não chegam. Sol. Para que se faça futuro. Seremos sempre o mesmo. Perpétuo. Assombro. Nós. Criaturas sem voz. Tudo longe. O sol. E a foz? Onde desaguam as nossas lágrimas? Há mar bastante? Somos milhares de dores. Nós. Milhares. De bocas. Escancaradas. E secas. À espera da compaixão da vossa saliva. Prostitutas não se deve beijar. Mas. Haverá. Outra. Alternativa? Somos milhares de carências. Não. Há escolha para nós. Desmascaramos os vosso enganos. Não há escolha. É tudo. Tudo é. Tudo. Engano. Tudo é. Tudo. Farsa. Não há sufrágio que nos convença! (“Ainda Dentro do Vazio”).*

*Ana Mafalda Leite*

## Anti-Comentário sem like no fim

*Duas crianças. Uma mulher e um homem. Dois seres contam-nos estas memórias da fome num campo de concentração. O espaço dramático habitado por estes seres pode ser a sua casa, a sua rua, o seu bairro, a sua cidade, a sua vila, a sua aldeia, o seu país... o nosso mundo... este espaço patético é o mundo de ontem, de hoje e, quem sabe, de amanhã também.*

*Advertência: no meio deste diálogo há uma voz que intervém de quando em vez — essa voz pode ser a sua...ou de Deus?*

*Outra advertência: as personagens desta peça estão com a bateria fraca. Podem se calar a qualquer momento.*

## 1. O peixe morre pela boca

21%

A boca. Portal e túnel. A boca. Buraco e imensidão.  
A boca. Covil dos leões.

- E Daniel já esteve lá.
- E sobreviveu?
- Diz a Palavra Sagrada.
- E os mortos que engordam os dias não são sagrados?

Santifica-se o pão para que o corpo do Filho abafe o ruído do nosso vazio.

Ostía. Ostra. Outra. Nostra. Noutras...

- Noutras?
- Sim, noutras tantas epopeias sagradas ou não, por que é que os heróis morrem sempre famintos?

2. Homem lobo de outro homem. Ou Eles comem tudo

19%

Era uma vez  
uma aldeia  
O papá e a mamã estavam na machamba,  
a plantar mandioca e folhas dele...  
para o sustento dos filhos.  
os filhos  
duas meninas e dois rapazes  
estavam a brincar ao jogo da cabra cega  
no quintal  
mbê mbê mbê  
cantou Xitukulumukhumba  
quando invadiu a aldeia  
e num zás comeu tudo  
Casas, celeiros, currais, capoeiras, ninhos, gaiolas, e  
os respetivos animais domésticos

— As crianças também?

O Xitukulumukhumba comeu tudo, casas, celeiros,

currais, capoeiras, ninhos, gaiolas, e os respetivos animais domésticos. (*repete até à histeria*)

— Está bom, já entendemos. E depois, o que aconteceu?

O Xitukulumukhumba comeu tudo mas não estava satisfeito, então partiu à busca de outras aldeias com casas, celeiros, currais, capoeiras, ninhos, gaiolas, e os respetivos animais domésticos para comer, comer, comer, comer...

